

La Comédiathèque

Contos



**Jean-Pierre
Martinez**

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Contos

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Contos para ler, contar ou interpretar.

1 – Um rosto familiar.....	3
2 – A venda em renda vitalícia	5
3 – Defesa Ilegítima	7
4 – Bodas de Sangue.....	9
5 – Retrato de Mulher.....	11
6 – Uma Mulher Honesta.....	13
7 – Retrato de Família.....	15
8 – Caído do Céu.....	17
9 – Último Encontro	19
10 – Plano Mal Engendrado.....	21
11 – Condenado à Morte.....	23
12 – Uma Relação Perigosa.....	25
13 – O gordo.....	29
14 – Ordem de Despejo.....	30
15 – Sequestro.....	32
16 – O Mistério do Quarto Vermelho.....	35
17 – O Segredo do Vaso.....	37

1 – Um rosto familiar

Era a minha última consulta do dia. Quando o vi na sala de espera do meu consultório, não o reconheci de imediato. Usava uns óculos escuros e um cachecol que cobria a outra metade do rosto. Inicialmente, pensei tratar-se de alguém com queimaduras graves que tentava ocultar o rosto desfigurado. Infelizmente, na minha clínica, recebo diariamente este tipo de casos desafortunados, a quem tento ajudar. Sou cirurgião plástico e orgulho-me de ser um dos melhores especialistas em Madrid em operações de reconstrução facial. É claro que, porque é preciso viver de alguma coisa, também me dedico a corrigir, embelezar ou rejuvenescer os traços naturais de pacientes perfeitamente saudáveis, mas ansiosos por se ajustar aos padrões de beleza impostos pelas revistas. Um mercado muito mais lucrativo, direcionado principalmente para uma clientela feminina. Com ou sem razão, os homens sentem muito menos o desejo de mudar de aparência do que as mulheres. A menos, claro, que se tratem de circunstâncias excepcionais...

Não foi até que ele se sentou à minha frente, no meu gabinete, e tirou os óculos e o cachecol que o reconheci. O seu rosto estava perfeitamente intacto, e parecia-me estranhamente familiar. Alberto Delgado! Algumas semanas antes, a foto deste homem, até então pouco conhecido pelo público, tinha aparecido na capa de todos os jornais. Este alto funcionário, com um passado polémico, tinha sido declarado culpado num obscuro caso de desvio de fundos públicos em grande escala. Desde então, encontrava-se foragido, e todos supunham que já se tinha refugiado sob uma identidade falsa em algum paraíso fiscal pouco exigente quanto à moralidade dos seus hóspedes, desde que as suas contas bancárias estivessem bem recheadas. Ao que parecia, o homem, com um mandado de captura europeu pendente, não quis arriscar ser reconhecido no aeroporto ao tentar sair do país. Quando se tem um rosto tão mediático, simples documentos falsos não bastam para passar despercebido. É um dos poucos inconvenientes da fama...

"Quero mudar de rosto", declarou-me o homem sem rodeios. Embora o seu pedido não me tenha surpreendido, dada a delicada situação em que se encontrava, demorei um momento a responder. "Não posso fazer isso, e sabe bem disso. Seria cúmplice ao ajudá-lo a escapar da polícia..." O homem não pareceu minimamente desconcertado. "No entanto, vai fazê-lo", afirmou com uma segurança que me gelou o sangue. Claramente, não estava a brincar. "E por que motivo eu haveria de lhe fazer esse favor?" perguntei, com a voz um pouco trémula. "Porque uns amigos meus têm o seu filho como refém", respondeu. "Não o libertarão até que eu tenha saído do país. Com a foto do meu novo rosto no passaporte, que o senhor, com as suas mãos de artista, se encarregará de esculpir para mim." Esboçou um sorriso. "Dou-lhe carta branca, doutor. Mas, já agora, faça-me mais bonito para começar a minha nova vida. Sempre sonhei ter o rosto de um bailarino de tango. Quero ser a sua obra-prima..."

Não tinha escolha e, após verificar por telefone com a minha esposa que as ameaças de Alberto Delgado não eram um blefe, vi-me obrigado a agir nessa mesma noite. Estava algo desprevenido. Normalmente, os meus pacientes apenas querem melhorar alguns detalhes aqui e ali, eliminando, ao mesmo tempo, os seus defeitos mais evidentes. Não procuram acordar com um rosto completamente diferente, ao ponto de nem as próprias mães os reconhecerem. Precisava de um modelo. À pressa, folheando uma revista na

sala de espera do meu consultório, encontrei inspiração para moldar o rosto de galã latino que o meu maquiavélico cliente parecia desejar. Mostrei-lhe a foto recortada da revista e, após obter a sua aprovação, comecei a operação. Durou quase toda a noite, mas ao amanhecer, apesar das ligaduras que ainda cobriam o novo rosto de Alberto Delgado, sabia que tinha criado a minha obra-prima.

Após alguns dias de convalescença, um cúmplice trouxe-lhe um passaporte falso acabado de fazer, com a foto do seu novo rosto, e Alberto Delgado deixou a minha clínica incógnito, rumo ao aeroporto. "Assim que tiver embarcado, alguém lhe dirá por telefone onde pode encontrar o seu filho." A seu favor, devo reconhecer que cumpriu a sua palavra.

Quanto ao final da história, foi na edição seguinte dessa mesma revista, na qual tinha recortado a foto do novo rosto de Alberto Delgado, que fiquei a saber todos os detalhes. Mal chegou ao destino, que deduzi ser na América do Sul, já que desejava ter o rosto de um latin lover para se misturar facilmente com a multidão, foi imediatamente detido pela polícia fronteiriça. Ele ficou surpreso. Com a sua nova identidade, estava convencido de que passaria despercebido. Assim, gritou que se tratava de um erro e, para tentar convencer a polícia a deixá-lo ir, confessou que se tinha submetido a uma pequena operação de cirurgia estética. O que, em si, não é um crime, protestou, alegando inocência. Talvez fosse por isso que o confundiam com outra pessoa...

O polícia que lhe colocou as algemas acabou com as suas esperanças de um retiro dourado, dizendo-lhe num tom irónico: "Uma operação de cirurgia estética! Essa não me tinham contado... Pois, da próxima vez que mudares de cara, evita que seja a de um narcotraficante procurado por todas as polícias da América..." O polícia, entre risos, virou-se para os colegas. "Vamos, levemo-lo. É Pedro Semprini. Andamos há anos a tentar deitar-lhe as mãos. E esperava escapar-se mudando apenas o nome no passaporte."

Para guardar uma recordação desta aventura, voltei a colar cuidadosamente a foto na revista, no lugar onde a tinha recortado. Acompanhava um artigo que anunciava a recompensa pela captura de um dos maiores traficantes de droga da Colômbia.

2 – A venda em renda vitalícia

Quando o Marco me mostrou aquele folheto que tínhamos encontrado na caixa de correio, não fiquei muito entusiasmada. Comprar uma casa em regime de renda vitalícia era apostar na morte. Só podia trazer-nos problemas, sentia-o. E problemas, já tinha tido bastantes no passado... Sem mencionar que aquela senhora podia perfeitamente chegar aos cem anos. Não parecia assim tão velha... O Marco, o meu marido, via as coisas com mais calma. Como médico, será que notara, à primeira vista, que a nossa futura senhoria não ia durar muito tempo?

Apesar das minhas reticências, acabei por ceder. Uma verdadeira casa no centro de Madrid, com jardim! Era um sonho que achávamos inalcançável. Sobretudo com o aumento dos preços do mercado imobiliário... O contrato que assinámos com a proprietária parecia vantajoso. Ela ocuparia dois quartos independentes, com acesso direto ao jardim, e deixar-nos-ia o usufruto do resto da casa. Em troca de um pequeno capital inicial e de uma pensão vitalícia que, no fundo, nos sairia mais barata do que uma hipoteca a vinte ou trinta anos...

Não tínhamos razões para desejar urgentemente que aquela boa senhora desaparecesse. Embora, obviamente, a casa não fosse completamente nossa até à sua morte. Felizmente, Dolores, a senhora em questão, era muito discreta. Desde que nos mudámos, o meu marido tornou-se naturalmente o seu médico de família. Dolores sofria, de facto, de vários males próprios da sua idade. Mas nada grave. Pelo menos, aparentemente... Para além disso, não tivemos tempo para a conhecer bem. Apenas uns dias depois da nossa chegada, a empregada de limpeza encontrou-a morta na cama...

De um ponto de vista estritamente financeiro, aquele falecimento representava um verdadeiro achado. Em menos de uma semana, o meu marido e eu tornámo-nos proprietários de um imóvel excepcional por uma ninharia. Mas não tive coragem para me alegrar. Intuíam que aquele bom negócio não passaria despercebido...

E assim foi. Três dias após a morte de Dolores, fomos convocados à esquadra para responder a algumas perguntas. Embora tivesse um mau pressentimento, tentei manter a calma. Dadas as circunstâncias, aquelas suspeitas eram perfeitamente compreensíveis.

Infelizmente, o que o inspetor que nos recebeu nos informou não nos tranquilizou em nada. A autópsia revelou que a morte da idosa não tinha ocorrido por causas naturais. Ela faleceu devido a uma overdose de morfina. O meu marido reconheceu sem problemas que tinha sido o último médico de Dolores, mas negou ter-lhe administrado a injeção fatal.

Infelizmente, as alegações de inocência do Marco foram em vão. Aquela senhora tão respeitável não era, a priori, uma toxicod dependente. Era pouco provável que tivesse sucumbido a uma overdose ao injetar morfina por conta própria. Também não parecia lógico que tivesse decidido suicidar-se daquela forma tão estranha, poucos dias depois de vender a sua casa em renda vitalícia...

Por outro lado, o seu médico tinha fácil acesso à morfina e podia ter-lhe administrado uma dose mortal com qualquer pretexto. Uma vacina contra a gripe, por exemplo, já que era época. Além disso, como advertiu o inspetor, seria difícil alegar um erro

médico, já que a morte tão oportuna da paciente libertava o seu médico da obrigação de lhe pagar a pensão vitalícia...

Após o pagamento de uma elevada caução, fui libertada sob controlo judicial. Mas o Marco permaneceu preso, à espera de julgamento, que não prometia nada de bom... Entretanto, foi-me permitido ficar com a casa. Não foi a melhor decisão que tomei. Estar sozinha naquela lúgubre casa, causa da minha desgraça, precipitou a minha queda. Cheguei mesmo a duvidar da inocência do meu marido. Caí numa profunda depressão e comecei a beber...

Desde o meu acidente, oito anos antes, a minha saúde, sobretudo mental, tinha ficado frágil. Este segundo golpe estava prestes a destruir-me. Por que razão o destino insistia em atormentar-me? Naquela ocasião, ao volante do meu carro, causei a morte de um homem... Graças à habilidade do meu advogado, consegui evitar uma condenação. Mas aquele drama deixou-me um profundo sentimento de culpa...

Privada do consolo do meu marido, lembrei-me do homem ao qual, por imprudência, também tinha roubado a família. Decidi visitar a sua sepultura. Só tinha estado lá uma vez, quando saí do hospital. Durante o julgamento, ao qual não tive forças para assistir, continuava nos cuidados intensivos... Foi no hospital que conheci o Marco, que ainda era interno e cuidou de mim com tanto zelo...

Ao chegar ao cemitério, encontrei facilmente o túmulo do homem a quem, sem querer, tirei a vida. Era um jazigo familiar. Notei logo que recentemente tinha sido acrescentado outro nome na lápide. A esposa da minha vítima tinha-o acompanhado na morte. Terá morrido de desgosto, como talvez eu própria morresse se o Marco fosse condenado a prisão perpétua por um crime que não cometeu?

De repente, gelou-me o sangue. Junto ao nome daquela senhora, havia uma foto num medalhão. Reconheci-a de imediato. Era a mulher que nos tinha vendido a casa em renda vitalícia. Não se apresentou com o nome gravado na lápide, mas bem podia ter retomado o apelido de solteira para despistar...

Foi então que percebi. Eu tinha tirado a Dolores o marido. E, com aquele suicídio disfarçado de homicídio, ela tirava-me o meu. Ela tinha-se vingado de mim. Tal como ela, estava condenada a viver sozinha, como uma viúva, naquela sinistra casa onde ela própria tinha chorado o marido que lhe roubei...

3 – Defesa Ilegítima

António sempre sofreu de uma timidez quase patológica. Talvez devido à sua baixa estatura e à constituição algo frágil. Como desejava possuir, como o seu amigo Vicente, aquela confiança tranquila que tanto atraía as raparigas da sua idade. Ah, não que se considerasse um covarde. Simplesmente, não tinha tido muitas oportunidades de demonstrar a sua coragem, só isso. No entanto, o complexo de inferioridade que o consumia impedia-o de ter relações normais com as mulheres à sua volta. E muito menos algo mais íntimo...

Por isso, quando António conheceu Mia, algumas semanas antes, numa festa em casa de Vicente, decidiu fazer tudo ao seu alcance para a conquistar. Vicente não lhe conseguiu dar muitos detalhes sobre aquela jovem atraente de origem asiática, bastante reservada, convidada por uma amiga de uma amiga. Felizmente, o carácter discreto, para não dizer apagado, de António não parecia incomodar muito Mia. Durante boa parte da noite, António falou-lhe sobre a tese que preparava na faculdade de cinema, sobre a idade de ouro do western americano. Ela ouviu-o educadamente e, embriagado por esse pequeno sucesso, ele até se atreveu a convidá-la para ir ao cinema.

Mas António temia que aquele primeiro êxito não tivesse continuidade. Apesar do seu interesse intelectual pelo western, sabia que não tinha nada de cowboy. Será que Mia se sentiria mesmo atraída por um rapaz com tão pouca aparência masculina?

António confessou os seus receios ao amigo Vicente, com quem se encontrou antes do encontro com Mia. Se ao menos tivesse uma oportunidade para lhe demonstrar do que era capaz... Vicente ouviu-o e tentou tranquilizá-lo. Sabia que António, apesar da sua timidez e aspeto algo efeminado, não era nada pusilânime quando enfrentava um perigo real. De facto, Vicente já tinha tido oportunidade de o comprovar uma noite, nos corredores do metro, quando António conseguiu afugentar, só com a sua determinação, dois assaltantes que tentavam roubar o seu amigo. Vicente sempre lhe tinha estado grato por isso. Mas Mia, que mal conhecia António, seria capaz de perceber aquela força de carácter tão bem escondida?

Algumas horas mais tarde, António, mais nervoso do que nunca, encontrou-se com Mia à porta do cinema. Cumprimentou-a de forma desajeitada, sem ousar sequer dar-lhe dois beijos, antes de ir comprar os bilhetes. Como Mia parecia tão desconfortável quanto ele, mal trocaram palavras antes de as luzes se apagarem e o filme começar. Felizmente, António já tinha visto aquele grande clássico do western três vezes, porque teve muita dificuldade em concentrar-se durante toda a projeção. Só sonhava com uma coisa: segurar na mão de Mia, que descansava a poucos centímetros da sua no apoio de braço. Mas não teve coragem...

Quando as luzes se acenderam, trocaram um olhar desconfortável e saíram da sala em silêncio. Ainda assim, António ofereceu-se para acompanhar Mia até ao metro. Ao chegarem à entrada, numa rua quase deserta àquela hora tardia, António não notou de imediato a presença de um homem, de costas, encostado à grade na penumbra. Só quando se virou para se despedir, provavelmente para dizer adeus à tímida Mia, é que reparou no rosto do desconhecido, que acabava de se virar para a jovem. O indivíduo usava uma passa-montanhas, o que não augurava nada de bom... Com efeito, a voz do

homem, distorcida pelo tecido, ordenou a Mia que lhe entregasse o dinheiro que trazia consigo.

Sem pensar nas consequências, António virou-se decidido a intervir. Pelo menos, aquela má experiência permitir-lhe-ia demonstrar à bela asiática que não era um covarde. Mesmo que lhe custasse um par de dentes, não permitiria que ninguém magoasse Mia. Mas António não teve tempo de agir. Para sua grande surpresa, em vez de entrar em pânico, a frágil Mia desferiu ao agressor um pontapé fulminante no queixo que o enviou diretamente ao chão. A cabeça dele bateu com força no duro asfalto, e o homem ficou inconsciente.

António ficou petrificado. Mais do que a agressão inesperada, o que o tinha deixado atónito foi a reação de Mia. A tímida jovem explicou-se em poucas palavras: "Sou cinturão negro de karaté", disse com a sua voz suave. "Mas não queria magoá-lo..." Mia, que se revelou mais decidida do que aparentava, inclinou-se sobre o indivíduo para o examinar. "Está a respirar normalmente, mas está desmaiado", diagnosticou. "É melhor não o movermos, por se tiver uma fratura craniana. Talvez a cabeça tenha batido no lancil... Podes ligar para os bombeiros e para a polícia?"

António assentiu, balbuciando, e marcou o primeiro número no telemóvel. Mia parecia tão decidida... Definitivamente, hoje também não seria o seu dia para ser o herói. Alguns minutos depois, ouviram uma sirene a aproximar-se. Foi então que o desconhecido, recuperando os sentidos, levantou a cabeça e tirou a passa-montanhas, que lhe dificultava a respiração. António e Mia arregalaram os olhos ao reconhecer Vicente, o mesmo em cuja festa se tinham conhecido. Felizmente ileso, Vicente esfregou a cabeça com um gesto de dor. "Meu Deus, não sabia que fazias karaté!" exclamou, dirigindo-se a Mia.

Mia, por sua vez, lançou um olhar suspeito para António. "Então, isto era uma pequena encenação para me impressionar? É isso?" António, que já não percebia nada, protestou confusamente. Vicente saiu em sua defesa. Jurou que António não sabia de nada. "Só fiz isto para o ajudar", explicou com alguma vergonha. "Pensava sussurrar-lhe algo ao ouvido quando interviesse, e depois teria fugido..."

"Ajudá-lo? Pois bem, conseguiste", respondeu Mia, enquanto o camião dos bombeiros, seguido de um carro da polícia, parava em frente a eles. "Agora, será preciso explicar tudo isto na esquadra..."

4 – Bodas de Sangue

Ao volante do carro, Sandra subia os últimos quilómetros da estrada sinuosa que conduzia à vivenda onde esperava encontrar o seu amante. Tinha o coração acelerado. Apesar da proibição rigorosa de Carlos, não resistiu à tentação de o visitar em casa. Ou melhor, na casa da esposa, já que a luxuosa propriedade situada nas colinas de Marbella pertencia à rica viúva com quem ele, segundo dizia, só se tinha casado por dinheiro.

Há mais de uma semana que não via o homem que amava. Há meses que Carlos lhe prometia que deixaria a esposa. No último encontro, jurou-lhe que seria em breve. Entretanto, Sandra devia ser razoável e evitar qualquer contacto com ele. Mas Sandra, uma amante abandonada e ferida no orgulho, já não aguentava mais a espera. Nem sequer atendia as suas chamadas. E se, na verdade, ele só quisesse livrar-se dela, afastando-a desta maneira? Precisava de saber a verdade.

Ao chegar ao parque de estacionamento junto à estrada, em frente à vivenda, Sandra constatou com desânimo que o carro de Carlos não estava lá. Tinha alimentado a esperança de o encontrar sozinho em casa... No entanto, avistou o carro desportivo da esposa, estacionado à sombra de um pinheiro-manso. Sandra pensou em dar meia volta. Temia as consequências de um confronto com aquela mulher que nunca tinha visto. Mas o destino interveio. Enquanto manobrava apressadamente para sair sem ser vista, ouviu um ruído característico. Ao espreitar pela janela, constatou que o pneu dianteiro esquerdo estava vazio.

Era impossível refazer os cinco quilómetros da estrada em ziguezague com um pneu furado. Trocar o pneu naquele parque de estacionamento sem chamar a atenção também não era opção. Não lhe restava outra alternativa senão enfrentar a sua rival.

Enquanto esta, caminhando junto à piscina, descia na sua direção para perceber o que se passava, Sandra sentiu uma pontada de ciúme. Vestida com um fato de alta-costura, com o cabelo loiro preso num impecável coque, Victoria tinha um ar algo austero, mas não deixava de ser elegante. Será que era realmente a mulher amarga que Carlos lhe tinha descrito?

"Não tenho a certeza de saber mudar um pneu", desculpou-se amavelmente Victoria. "E o meu marido não está em casa..."

Reunindo coragem, Sandra improvisou. "Obrigada, mas acho que consigo tratar disto sozinha. Se me permitir usar o seu parque de estacionamento..." Victoria sorriu. "Sinta-se em casa. Aliás, estava de saída. O meu marido está à minha espera no restaurante." Victoria não notou o desconforto de Sandra e continuou, num tom quase cúmplice: "Hoje é o nosso aniversário de casamento."

Sandra fez um esforço para se manter serena. "Parabéns", respondeu com frieza. Victoria já se afastava em direção à vivenda. Ao abrir a mala do carro, Sandra tremia de raiva. Era assim que Carlos planeava deixar a esposa? Sentia-se traída. Humilhada. Pegou no macaco com vontade de o matar, hesitando apenas sobre quem devia ser a vítima. Optou por Carlos. Afinal, aquela pobre mulher não tinha culpa de nada. Ele, por outro lado, não fazia ideia do que o esperava...

Para agravar a situação, Sandra lembrou-se, ao ver o pneu suplente na mala, de que não

o tinha mandado reparar após o último furo, semanas antes. Estava prestes a desabar em lágrimas quando uma mão gentil pousou no seu ombro. "Há dias assim...", disse Victoria num tom compreensivo. Tinha voltado atrás. A elegante mulher, de quarenta e poucos anos, estendeu-lhe um molho de chaves. "Não vou sair antes de um quarto de hora, o tempo de me trocar. Acho que este conjunto é um pouco sóbrio para um aniversário de casamento... Use o meu carro para ir à oficina ao pé da colina. Lá resolvem o problema do pneu em cinco minutos."

Enquanto descia a toda a velocidade, ao volante do desportivo de Victoria, pela estrada sinuosa até à oficina, Sandra fervia de raiva. Não havia dúvida: se Carlos estivesse na berma da estrada, ela daria um golpe de volante para o atropelar.

O som do telemóvel tirou-a dos cenários de vingança que já tramava contra o amante. Tirando o telefone da mala, atendeu num tom pouco amigável, mas ao reconhecer a voz do outro lado, a sua atitude mudou de imediato. Era ele! Tinha a audácia de a chamar! Em vez de explodir e lhe contar o que tinha acontecido, decidiu agir como se nada fosse. Queria ver até onde ia a hipocrisia daquele traidor.

"Então, já está?" perguntou. "Deixaste a Cristina?"

Curiosamente, a pergunta não parecia incomodá-lo. "Um divórcio arruinar-me-ia", admitiu. "Mas encontrei outra solução..."

"Ah, sim?", comentou Sandra ironicamente. "E qual é o teu plano?"

"Tenho um encontro com ela daqui a um quarto de hora", respondeu ele. Fez uma pausa, como se quisesse sublinhar a gravidade do que ia dizer. "Sabotei os travões do carro dela", confessou finalmente. "Dentro de segundos, ela deve despistar-se numa ravina, e finalmente serei livre..."

O rosto de Sandra congelou enquanto digeriria a informação que acabava de ouvir do amante. Engoliu em seco antes de pressionar lentamente o pedal... Os travões não respondiam, e os pneus do desportivo, lançado a toda a velocidade, já mordiam a beira do precipício...

5 – Retrato de Mulher

Com as mãos nos bolsos, José descia a assobiar pela rua de Alcalá em direção ao Retiro. O bairro estava quase deserto àquela hora da manhã. José sentou-se numa esplanada e suspirou de satisfação. Era domingo, o tempo estava agradável, e tinha o dia inteiro pela frente. Na noite anterior, tinha acompanhado Clara, a sua esposa, até ao táxi que a levaria ao aeroporto. Ela tinha uma reunião importante em Nova Iorque na segunda-feira e, para se preparar com calma e chegar descansada, preferiu passar o fim de semana lá. Naquele momento, devido ao fuso horário, provavelmente já estaria na cama. Tinha prometido ligar, mas José não tinha pressa em ouvi-la...

Claro que José amava a esposa, mas um pouco de liberdade também não lhe fazia mal. Por isso, enquanto desfrutava do café e seguia com o olhar uma rapariga bonita que passava, sobressaltou-se como se tivesse sido apanhado quando ouviu um telemóvel tocar. Instintivamente, tirou o seu do bolso, mas logo percebeu que o som vinha de outro lado. Como era o único cliente na esplanada, olhou em volta e não demorou a ver o telemóvel abandonado numa cadeira.

José hesitou por um momento, mas como a chamada insistia, decidiu atender. "Está?" balbuciou. Uma voz feminina respondeu-lhe, com um ligeiro sotaque estrangeiro. Era uma voz quente, mas segura, que o desconcertou. A jovem explicou que tinha perdido o telemóvel e que ligava para saber se alguém o tinha encontrado e seria tão amável a ponto de o devolver.

José sorriu ao perceber a oportunidade que se apresentava. Estava sozinho em Madrid, sem planos concretos. Por que não mostrar-se galante? Propôs de imediato levar o telemóvel ao endereço que ela lhe indicou, a poucas ruas dali. A voz pareceu hesitar um instante antes de aceitar. Não lhe tomaria mais de quinze minutos, precisou a jovem. A menos que o encontro se prolongasse, pensou José com um sorriso, guardando o aparelho no bolso.

Enquanto se dirigia ao endereço indicado, José, excitado, fantasiava com vários cenários. Até lhe ocorreu que poderia ser uma estratégia de engate pouco convencional. E se a misteriosa desconhecida, escondida algures, vigiava os homens sozinhos que se sentavam naquela esplanada? Vivia ao virar da esquina. Do seu balcão, com uns binóculos, podia perfeitamente observar o que acontecia na rua de Alcalá. José riu-se. Provavelmente estava a delirar. Mas, a ser verdade, seria lisonjeador que o tivesse escolhido como presa para cair na armadilha daquela "mantis religiosa".

Ao chegar ao número 13, José viu que se tratava de um atelier de artista. Isso pareceu-lhe promissor. Nesse dia, sentia-se com espírito boémio. Contudo, teve uma última dúvida. E se aquela voz sensual pertencesse a uma sexagenária pouco atraente? Ou, pior ainda, a um monstro que não encontrava outra forma de atrair homens para a sua toca sem se mostrar?

Encolhendo os ombros, José carregou com firmeza na campainha. Afinal, só ia devolver um telemóvel perdido, nada mais. Além disso, o que viu ao abrir-se a porta tranquilizou-o de imediato e reacendeu as suas fantasias. Envolvida num roupão, a jovem loira que o convidou a entrar era tudo menos feia. Com o cabelo curto e o corpo atlético mal oculto pelo tecido, parecia mais uma nadadora olímpica prestes a subir ao

pódio do que outra coisa qualquer.

Já dentro, José percebeu que a nadadora era, na realidade, uma pintora. O atelier estava cheio de telas, e um cavalete ocupava o centro da sala. Para tranquilizar a anfitriã quanto às suas intenções, tirou o telemóvel do bolso e entregou-lho. Ela, agradecida, ofereceu-lhe um chá, que José aceitou de imediato para adiar a partida. Agora parecia-lhe pouco provável que uma beleza daquelas precisasse de artimanhas para atrair homens a sua casa. Mas não tinha desistido da ideia de aproveitar a ocasião para flertar um pouco.

Enquanto bebia lentamente o chá que ela lhe serviu, José tentou cortejá-la desajeitadamente. Até lhe propôs partilhar um brunch no Café Gijón, não muito longe dali. A beleza andrógina recusou amavelmente, mas com firmeza. Não estava disponível. Embora, de qualquer forma, José não tivesse de se sentir culpado: não teria tido qualquer hipótese com ela.

"Porquê?" perguntou José, algo magoado. A jovem sorriu. Não se preocupasse: não tinha nada a ver com o seu charme masculino. Simplesmente, preferia mulheres.

José recebeu aquela informação como um balde de água fria. Tinha imaginado tudo, menos isso. E, no entanto, alguns indícios deviam tê-lo alertado. Todas as telas à sua volta representavam figuras femininas, nuas... e, por vezes, aos pares. Pediu desculpa, e a jovem divertiu-se com o seu desconcerto. Não tinha como saber, por isso, sem rancores. Mas já não o retinha mais. A sua... amiga sairia em breve da casa de banho.

José esforçou-se por manter a compostura e levantou-se para se despedir. Para quê prolongar a conversa? Contornando o sofá para se dirigir à porta, passou junto ao cavalete e não pôde evitar espreitar a tela inacabada.

"É ela?" perguntou, sem conseguir conter-se. A jovem assentiu com um sorriso. José, intrigado, olhou mais de perto para o retrato e gelou. Aquela mulher, na tela... juraria que era a sua esposa!

6 – Uma Mulher Honesta

Isto vai-me ensinar a ser honesta! Quando encontrei aquela carteira no chão do estabelecimento onde trabalho, teria sido melhor tê-la atirado para o lixo. Ter-me-ia poupado de estar aqui hoje, na esquadra, acusada de roubo. Quando os polícias me mandaram parar para um controlo de rotina, como eles dizem, encontraram a carteira na minha mala. Guardei-a durante uns dias, caso alguém a reclamasse, mas tinha a intenção de a entregar no Departamento de Objetos Perdidos no dia seguinte. Os polícias não quiseram ouvir-me. Segundo eles, sou conhecida desfavoravelmente pelos seus serviços... Protestei. Desfavoravelmente? Talvez. Mas não como carteirista!

Ao abrir a carteira, aqueles astutos sabujos conseguiram identificar o dono e encontrar o número de telefone dele. Claro, eu poderia ter feito o mesmo. Mas eu não sou polícia... Apontei que nem sequer tinha tocado no dinheiro, suspirando aliviada. Com certeza, o bom homem, contente por recuperar a carteira, me agradeceria o gesto ou, pelo menos, me ilibaria.

Um inspetor avisou-me para não me alegrar demasiado cedo. Ao consultar a base de dados central, descobriram que o indivíduo tinha apresentado uma queixa... por roubo com esticção! A vítima tinha acabado de ser convocada para comparecer na esquadra e identificar-me ou não como sua agressora.

Tentei manter a calma. Afinal, eu não tinha roubado aquela carteira. O homem diria que não era eu, e pediriam desculpa. Uma hora depois, o inspetor veio buscar-me para a confrontação. A vítima já estava lá.

Quando vi aquele idoso tão digno, acompanhado pela esposa, senti-me mais tranquila. Não parecia ser o tipo de pessoa que enviaria uma inocente para a prisão. Além disso, parecia-me já tê-lo visto antes. Talvez no meu trabalho. Mas vejo tanta gente passar...

"Vamos lá, diz que foi ela", disparou a esposa num tom autoritário. Aquele início deixou-me um pouco fria. Por sorte, o homem não parecia tão seguro e balbuciava nas explicações. Não se lembrava bem... Estava escuro... O inspetor interrompeu-o, intrigado. "Escuro? Declarou que o roubo ocorreu em plena luz do dia. E não houve nenhum eclipse naquela tarde..."

O idoso parecia cada vez mais desconfortável. "Sim, peço desculpa. Quero dizer que tudo aconteceu muito depressa. De qualquer forma, esta pessoa não é a minha agressora." O inspetor, no entanto, era persistente. "Espero que não esteja a mentir só para ajudar uma mulher atraente a escapar da justiça." O homem, cada vez mais nervoso, lançou um olhar inquieto à esposa e finalmente confessou: "Ouça, menti antes."

A esposa fulminou-o com o olhar, mas ele continuou: "Ninguém me roubou esta carteira. Eu perdi-a..." O inspetor digeriu a informação antes de responder com severidade: "Isso chama-se denúncia falsa. É algo muito grave, sabia? Poderia ser processado... Por que mentiu?" O respeitável idoso, um pouco desorientado, tentou explicar-se: "Quando disse à minha esposa que tinha perdido a carteira, ela aconselhou-me a denunciá-la como roubo. Era mais fácil para o seguro me reembolsar, percebe?"

A esposa assentiu a contragosto. Já era tarde demais para negar. "Pensei que a pessoa

que encontrasse a carteira a ficaria para si", tentou justificar-se. "E presumi que a polícia tinha coisas mais importantes para fazer do que tratar de um pequeno roubo."

Aquela má-fé irritou ainda mais o inspetor. "Infelizmente para si, ainda existem mulheres honestas. E a polícia, por vezes, faz bem o seu trabalho." Enquanto o homem olhava para os sapatos, envergonhado, o inspetor voltou a consultar a declaração de roubo que a suposta vítima tinha redigido dias antes. "Vou poupá-lo a um processo judicial desta vez", disse o inspetor magnânimo. "Mas há algo mais que me intriga. Declarou que este roubo imaginário ocorreu na rua, em Toledo, onde reside. No entanto, esta jovem encontrou a carteira, absolutamente intacta, debaixo de um assento do estabelecimento onde trabalha, em Madrid. Não chegou lá por acaso. Tem alguma razão especial para mentir também sobre onde perdeu a carteira?"

A esposa, furiosa, olhou para o marido à espera de uma explicação. Como ele, vermelho como um tomate, não respondia, o inspetor virou-se para mim. "Por favor, senhora, pode lembrar-nos onde trabalha e qual é a sua profissão?" Apesar das possíveis consequências desastrosas para aquele pobre homem, tive de responder: "Bem... Sou dançarina de striptease num cabaré em Madrid."

7 – Retrato de Família

A primeira coisa que Fabrício viu ao entrar naquela casa, onde não ia há meses, foi o retrato da avó pendurado no vestíbulo. O coração apertou-se-lhe. Poucos dias antes de completar oitenta anos, a Avó Carmen, que parecia gozar de boa saúde, sucumbira a um ataque cardíaco. Felizmente, não sofreu. Morreu tranquilamente enquanto dormia.

Quando era criança, Fabrício costumava passar as férias escolares em casa da avó materna. Recordava com carinho as segundas-feiras de Páscoa naquela quinta nos Pirenéus. Nesse dia, a Avó Carmen escondia doces embrulhados em papel dourado ou prateado por toda a casa e o jardim. A propriedade não era assim tão grande, mas, aos olhos de uma criança habituada a viver num pequeno apartamento em Barcelona, parecia imensa. E a quinta oferecia tantos esconderijos: coelhos e ovos de chocolate camuflavam-se entre os reais no coelheiro e no galinheiro da Avó Carmen.

Com um ar traquina, Carmen costumava contar ao neto que a casa abrigava um verdadeiro tesouro, demasiado bem escondido para ser facilmente encontrado, e que ele herdaria quando ela morresse. Mas, até lá, era um segredo entre eles. Não devia contar a ninguém, nem sequer aos pais. A Avó Carmen, de facto, não tinha boa relação com o genro e, por essa razão, também com a filha, a mãe de Fabrício.

Infelizmente, Carmen morreu de forma repentina, sem ter revelado ao neto onde estava escondido o suposto tesouro. Após o seu falecimento, os pais de Fabrício herdaram a casa. Depois de muito pensar, Fabrício decidiu contar à mãe o que a avó lhe dissera sobre o tesouro. Para sua surpresa, ela não se riu.

Antes da guerra, explicou-lhe a mãe, Carmen tinha tido uma certa fortuna proveniente da família. Mas, no final da guerra, esse dinheiro desapareceu. Sempre se pensou que as milícias nacionalistas a tinham despojado, como frequentemente acontecia aos Republicanos. No entanto, ninguém se atreveu a perguntar-lhe sobre isso depois de sair da detenção numa sinistra prisão da Catalunha, e ela nunca falou do assunto. Desenvolvera uma desconfiança extrema e um culto ao segredo, com medo de que as milícias voltassem um dia. Porque não teria escondido um tesouro algures? A menos que tudo tivesse sido uma história inventada para entreter o neto.

De qualquer forma, as buscas feitas após a morte da avó não deram em nada. E os pais de Fabrício decidiram vender aquela velha quinta, que não sabiam como usar e que estava à beira da ruína. Dentro de uma semana, a casa mudaria de proprietário, levando consigo o suposto tesouro da Avó Carmen.

Encerrado com a tarefa de recolher os poucos objetos de valor que restavam na casa antes da chegada do antiquário, Fabrício percorreu rapidamente as várias divisões. Não havia nada para levar, apenas recordações. Os modestos móveis da Avó Carmen estavam todos carcomidos.

Quando se preparava para sair, o olhar deteve-se novamente no retrato da avó, na sua moldura dourada. Se tivesse de levar algo, seria aquilo. Aproximou-se do quadro para observar mais de perto. Sempre vira aquela pintura, claramente muito antiga, pendurada naquele lugar, firmemente fixada à parede do vestíbulo. De repente, ocorreu-lhe uma ideia louca: e se aquela tela fosse obra de um grande mestre?

Muitos pintores impressionistas passaram pela região no início do século passado. A Avó Carmen poderia ter conhecido algum deles no início de carreira, quando ainda passavam dificuldades, e encomendado um retrato por uma ninharia. Ou talvez o tivesse conseguido em troca de uma boa refeição quente. E se aquele fosse o tesouro da Avó Carmen? Seguramente ela adivinhara que, se o neto tivesse de conservar algo seu, seria aquele retrato.

Com essa esperança, Fabrício sentiu uma pontada de culpa. Seria doloroso ter de vender aquele quadro. Era o único que lhe restava da avó, e as recordações não têm preço. Mas não perdia nada em mandá-lo avaliar.

No dia seguinte, à mesma hora, o perito com quem Fabrício marcara encontro chegou à porta. Fabrício levou-o até ao vestíbulo e mostrou-lhe o quadro. Sem dizer uma palavra, o perito inclinou-se sobre o retrato e examinou-o atentamente. Não havia nenhuma assinatura visível, mas um especialista como ele reconheceria imediatamente a obra de um grande mestre. A autenticação oficial seria apenas uma formalidade.

Fabrício aguardava, com o coração acelerado, o veredicto do perito. Este levantou a cabeça, tirou os óculos e olhou-o nos olhos.

"E então?" perguntou Fabrício cheio de esperança.

"Tenho a certeza", sentenciou o perito com um tom firme. "Esta tela, embora antiga, é obra de um amador. O seu valor é apenas sentimental." Curiosamente, Fabrício sentiu certo alívio. Não teria de enfrentar nenhum dilema moral. Como o retrato não tinha valor comercial, não lhe restava outra opção senão ficar com ele. Em memória da avó. A traquina Carmen pregara-lhe uma boa partida. Era, de certa forma, um tesouro simbólico.

De volta à realidade, Fabrício surpreendeu-se ao ver o perito inclinar-se novamente sobre o quadro. Teria mudado de opinião? Estaria prestes a anunciar que se enganara e que a pintura era, afinal, uma obra-prima? Mas o perito parecia agora mais intrigado com a pesada moldura dourada, fixada à parede. Talvez estivesse surpreendido por, ao contrário dos outros móveis da casa, não estar carcomida.

O perito virou-se finalmente para Fabrício e confirmou o seu primeiro julgamento: "Este quadro é definitivamente uma pintura medíocre. Mas posso assegurar-lhe, em contrapartida, que a moldura é de ouro maciço."

8 – Caído do Céu

Há quase um ano a trabalhar juntas como vendedoras numa perfumaria da galeria comercial do aeroporto de Barcelona, Marisol Ferrer e Sara Ribas mantinham uma relação conflituosa. Marisol criticava a colega pela falta de ambição, especialmente com os homens, por se contentar com um noivo que era apenas um simples carregador de bagagens. Marisol, por sua vez, tinha objetivos mais altos. No entanto, como o príncipe encantado não caía nas suas redes, estava solteira há meses.

Sara tinha-lhe oferecido apresentar o irmão Paco, mas Marisol rejeitou indignada a proposta. Paco, amigo do noivo de Sara, era também um "simples" carregador de bagagens, sem futuro. Sara não suportava o desprezo que Marisol lhe lançava constantemente ao longo do dia.

Nesse dia, no entanto, o destino parecia finalmente sorrir a Marisol. Mal aquele jovem elegante entrou na loja, ela soube que era ele. Alto, bonito, com o bronzeado perfeito e vestido com um uniforme de piloto, tinha tudo o que ela sempre sonhara.

O mais surpreendente foi que o interesse parecia mútuo. Enquanto ele pedia conselhos para escolher um perfume supostamente destinado à mãe, Marisol percebeu de imediato que não lhe era indiferente. Desta vez, estava segura: um "grande peixe" tinha mordido o anzol, e ela fez tudo para o apanhar com subtileza. Fingindo deixá-lo tomar a iniciativa, conseguiu que ele a convidasse para jantar.

Eram quase oito da noite, e a loja estava prestes a fechar. Marisol hesitou por um instante. Aceitar um convite espontâneo de um desconhecido podia fazê-la parecer fácil. Mas, se o deixasse escapar, temia nunca mais o ver. O trabalho dele levava-o a viajar pelo mundo inteiro. Podiam passar semanas até ele voltar a Madrid e, nessa altura, talvez já não estivesse interessado.

Um olhar na direção de Sara foi suficiente para a convencer. De longe, a colega tinha observado a cena com uma mistura de curiosidade mal disfarçada, reprovação e, talvez, um pouco de inveja. Não, definitivamente Marisol não ia desperdiçar aquela oportunidade.

O jantar foi um verdadeiro encanto para ela. Como ele tinha de partir cedo no dia seguinte para um destino distante, levou-a a um restaurante do aeroporto. Não era um local gourmet, mas para Marisol, jantar com ele num simples self-service já seria suficiente. Cativada, quase se esqueceu de que o objetivo inicial era encontrar um bom partido.

Apesar de uma ligeira desajeitadez que atribuiu à timidez, o seu acompanhante revelou-se muito sedutor. O jantar decorreu como um sonho. O vinho era excelente. Ela até se esqueceu de lhe perguntar o nome.

Ao despedirem-se, foi ela quem propôs tomar um último copo no bar do hotel onde ele estava hospedado antes do voo. Ele aceitou, mas Marisol notou uma sombra de dúvida no olhar dele, o que a decepcionou um pouco. Contudo, já não podiam voltar atrás. O primeiro beijo que partilharam num canto do átrio acendeu a faísca, e, em breve, era o minibar do quarto que fornecia a garrafa de champanhe para celebrar o encontro.

Marisol esqueceu todos os seus princípios e foi quem tomou a iniciativa. Sempre prometera não se entregar no primeiro encontro, mas desta vez era diferente. Estava verdadeiramente apaixonada.

Parecia que ele também estava, mas algo o retinha. Confessou que tinha algo a dizer-lhe. Marisol já esperava que o seu conto de fadas tivesse algum contratempo. Durante toda a noite, percebera uma certa inquietação nele. Estaria noivo? Casado? Doente? Não queria saber, pelo menos não ainda. Interrompeu-o com um beijo, e ele não insistiu mais.

Na manhã seguinte, Marisol acordou sozinha na cama. O coração apertou-se-lhe. Ter-se-ia ido embora sem se despedir? Provavelmente tinha regressado à esposa. Estava certa de que Sara não perderia a oportunidade de lhe dar uma lição mais tarde na loja. Mas já não lhe importava. Só queria abraçá-lo uma última vez, mesmo que nunca soubesse o nome dele.

Foi então que ouviu o som do duche na casa de banho. Aliviada, olhou à volta e viu o uniforme de piloto descuidadamente pendurado numa cadeira. Levantou-se rapidamente, receosa de que ele desaparecesse de novo se voltasse a adormecer.

A luz inundou o quarto ao abrir as cortinas. Depois, decidiu pendurar o uniforme para que não ficasse ainda mais amarrotado. Lembrou-se de que ele tinha de pilotar nessa manhã. O que pensariam as elegantes assistentes de bordo ao vê-lo tão desleixado?

Ao pegar no casaco, notou que as mangas estavam um pouco gastas, algo que não tinha reparado na noite anterior. Foi então que algo caiu do bolso interior. Um passaporte. Marisol, tremendo de curiosidade, não resistiu à tentação de espreitar.

O sorriso congelou-lhe ao ler as informações no documento: Paco Ribas, irmão de Sara. Profissão: carregador de bagagens. No verso do casaco, havia um emblema: o logótipo de uma loja de aluguer de disfarces.

Nesse momento, Paco saiu da casa de banho, completamente nu, com um sorriso envergonhado nos lábios.

9 – Último Encontro

À beira dos cinquenta, a célebre atriz Sandra Norman estava prestes a tornar-se num mito vivo. No entanto, sentia que o declínio da sua carreira, e por conseguinte da sua vida, já tinha começado. Alexis Orlov, o seu realizador de eleição e também amante, acabara de preferir, como protagonista do próximo filme, uma jovem estrela recém-saída do conservatório. Claro que Sandra sabia que já não tinha idade para interpretar uma jovem protagonista, mas custava-lhe aceitar ser relegada para papéis de mãe de família ou esposa abandonada. Ela, que até então só tinha encarnado mulheres fatais e que sacrificara tudo pela carreira, nem sequer tivera tempo para ter um filho. Profundamente deprimida, Sandra começara a beber. O seu rosto mostrava agora os estragos do álcool, somados aos do tempo. Alexis, cada vez mais distante, já não suportava as mudanças de humor da estrela, agravadas pelos excessos. Terá chegado o momento de se retirar?

Nessa noite, tinha combinado encontrar-se com o amante na luxuosa suíte que ocupava num hotel de Paris durante as suas estadias na cidade. Como era de esperar, a conversa rapidamente descambou numa discussão. Após uma violenta disputa, Sandra atingiu Alexis com a estatueta do último Óscar que ele a ajudara a ganhar. O impacto foi tão forte que Alexis caiu inconsciente sobre a cama. Também ele tinha bebido bastante naquela noite. Parecia respirar tranquilamente, e Sandra, sem se preocupar demasiado, decidiu deixá-lo dormir.

Frente ao espelho da sala, Sandra examinou o rosto inchado pelas lágrimas. Estava irreconhecível. Nesse estado, era-lhe impossível comparecer ao evento de caridade organizado pelos Pais do Mundo, a associação de apoio a órfãos que patrocinava para tranquilizar a consciência. Também não tinha coragem de enfrentar os paparazzi, que inevitavelmente a perseguiriam assim que saísse do hotel.

Reunindo as forças que lhe restavam, pediu a Carolina, a sua empregada, que a substituísse. Carolina, de estatura semelhante, usaria o vestido e o chapéu com véu da estrela para despistar os fotógrafos. Após um breve passeio por Paris, o motorista deixá-la-ia em casa.

Tudo correu como planeado. Como uma matilha de galgos atrás de uma lebre mecânica, os paparazzi perseguiram Carolina de mota enquanto Sandra saía pela porta traseira do hotel. Lá, esperava-a um táxi que a levaria ao aeroporto. O destino: Veneza, onde, sob um nome falso, planeava afogar as mágoas no carnaval.

Sandra chegou sem problemas à Cidade dos Canais e registou-se num discreto hotel. Durante o dia, permanecia reclusa no quarto, a dormir, fumar e beber. À noite, misturava-se com a multidão mascarada do carnaval. No meio daquela atmosfera irreal, recuperava, por vezes, a vontade de viver. Mas a cada amanhecer, enquanto cambaleava junto a um canal para regressar ao hotel, era invadida pelo desejo de se lançar às águas escuras e acabar com tudo. Percebeu rapidamente que a fuga não era a solução e decidiu regressar a Paris.

No avião, não conseguiu encontrar um jornal francês. Embora fosse cedo, bebeu vários whiskies e adormeceu. Uma hora depois, foi acordada pela voz da hospedeira a anunciar a descida para Orly. O passageiro ao seu lado olhava-a com uma mistura de

fascínio e surpresa, provavelmente impressionado por vê-la tão diferente da imagem impecável que as revistas transmitiam.

Após recuperar a bagagem, Sandra dirigiu-se à casa de banho do aeroporto para se retocar antes de apanhar um táxi. Preferia a indiferença do condutor à curiosidade mórbida dos transeuntes.

Antes de mais nada, queria esclarecer as coisas com Alexis. Sandra Norman não era alguém que se abandonava. Se Alexis pretendia deixá-la, seria ela a tomar a iniciativa de terminar.

Ao chegar à Avenida da República, o táxi ficou preso num engarrafamento. Sandra decidiu continuar a pé, aproveitando para clarear as ideias e preparar o discurso de despedida.

Em frente ao cemitério Père-Lachaise, uma multidão aglomerava-se na entrada. Parecia que todo Paris estava ali, acompanhado por um destacamento policial. Dois agentes reconheceram-na e, após trocarem algumas palavras, começaram a aproximar-se. Um terrível pressentimento apoderou-se dela. Perdeu-se entre a multidão, tentando escapar aos polícias.

Um pensamento horrível cruzou-lhe a mente: e se estavam a enterrar Alexis? Poderia ele ter morrido pelo golpe que lhe dera na cabeça?

A confirmação dos seus temores chegou ao passar por um quiosque. Na capa de uma revista aparecia uma foto de Alexis e dela, tirada nos dias em que a relação tumultuosa enchia as páginas da imprensa sensacionalista. Comprou a revista e refugiou-se num café sombrio para a ler.

A manchete falava de um trágico acidente. Sandra leu com incredulidade os detalhes: a limusina despenhada, o motorista em coma, a passageira carbonizada... Todos os jornais davam Sandra Norman como morta e anunciavam o seu funeral para aquela mesma manhã.

10 – Plano Mal Engendrado

Maurício nunca teve sorte. Nascido sob uma má estrela, a sua vida sempre foi marcada pelo infortúnio. A infância infeliz servia-lhe de argumento para comover os juízes durante as frequentes visitas ao tribunal, onde tinha de responder pelas pequenas burlas e delitos menores que lhe permitiam sobreviver. Contudo, essas atividades levavam-no, repetidamente, à prisão. Por mais elaborados que fossem os seus planos, acabavam sempre por correr mal. A sua má sorte era tão lendária que os guardas da prisão o apelidaram de Momo, o Azarado.

Desta vez, porém, Momo tinha planeado tudo ao detalhe. Escolhera como alvo a estação dos correios da pequena cidade onde passara a infância. Lá, ninguém o reconheceria, pois não voltara desde os 18 anos, quando a mãe, furiosa por descobrir o seu primeiro roubo no supermercado local, o denunciou à polícia na esperança de o corrigir.

A tentativa foi em vão. Pouco tempo depois, Maurício deixou o lar familiar e continuou a sua caótica carreira de pequeno delinquente. Mas agora, regressar ao local do seu primeiro crime tinha uma vantagem crucial: conhecia bem a configuração da estação dos correios, onde fizera um estágio de verão enquanto adolescente. Essa familiaridade facilitava o seu plano.

No dia anterior, inspecionara discretamente o local ao comprar um talão de selos. Tudo continuava igual: um edifício antiquado, com sistemas de segurança obsoletos e sem câmaras funcionais. Com os depósitos dos comércios locais, o cofre provavelmente estaria cheio ao final do dia. O camião de recolha passava às 18 horas, por isso assaltar a estação pouco antes de fechar parecia perfeito.

Às 17:30, sentado no carro em frente à estação, Maurício já fantasiava com a manchete do jornal local no dia seguinte, relatando a sua "proeza". Seria a sua vingança contra o destino.

Saiu do carro, ajustou o relógio e dirigiu-se à entrada. Para não chamar a atenção, colocou a máscara e tirou do casaco uma pistola descarregada, mas suficientemente intimidante.

Entrou na estação, cheia de clientes. Ninguém reparou na sua presença até que gritou: "Isto é um assalto! Todos ao chão!"

Os clientes obedeceram imediatamente, e os funcionários ficaram paralisados. Maurício ordenou ao funcionário mais velho que abrisse o cofre e enchesse um saco com dinheiro. Este obedeceu sem resistência. Em menos de um minuto, Maurício tinha um pesado saco cheio de notas.

Para garantir a fuga, decidiu levar um refém. Apontando a pistola, escolheu alguém ao acaso entre os clientes deitados no chão. "Tu, vem comigo!", ordenou, agarrando a pessoa pelo braço.

Antes de sair, tirou a máscara e guardou a pistola no bolso, tentando não chamar a atenção. No entanto, ao sair, foi surpreendido: uma agente de trânsito estava prestes a multar o seu carro mal estacionado.

Decidiu abandonar o veículo e fugir a pé. O plano continuava intacto. Ninguém tinha visto o seu rosto na estação, e o refém mantinha a cabeça baixa, tremendo de terror. Mas, no momento em que se preparava para escapar, ouviu uma voz forte: "Momo! És tu?"

Desconcertado, Maurício olhou pela primeira vez para o refém. No caos, não tinha reparado no rosto da pessoa que agarrara. Ao levantar o olhar, o coração parou. Ali, à sua frente, com um olhar de reprovação inconfundível, estava... a sua mãe!

11 – Condenado à Morte

Uma condenação à morte! Foi assim que Eduardo recebeu o diagnóstico que o doutor Belmonte acabava de lhe dar, depois de insistir para que não suavizasse a verdade. Entre o turbilhão de termos médicos incompreensíveis que o médico lhe atirara, apenas reteve alguns: tumor inoperável, prognóstico vital, cuidados paliativos. A sua mente traduziu de imediato: sem esperança, agonia lenta, decadência inevitável.

É certo que as dores de cabeça constantes que sofria há semanas deviam tê-lo alertado. Mas como poderia ter adivinhado, ao decidir finalmente consultar um médico por conselho de Júlia, a sua esposa, que o seu destino já estava selado?

"Quanto tempo?" perguntou, encerrando a conversa.

"Seis meses," respondeu o especialista. "Um ano no máximo."

"O tempo necessário para resolver os meus assuntos e deixar Júlia sem preocupações financeiras", pensou Eduardo. Antes de abandonar o consultório, exigiu do médico uma última promessa: não contar nada a ninguém, nem sequer a Júlia. Ele próprio encarregar-se-ia de lhe dizer no momento certo. Ofendido quase, Belmonte assegurou-lhe que o sigilo médico o obrigava a tal.

Ao voltar para casa, Eduardo fez tudo para manter as aparências. Disse a Júlia que as enxaquecas eram fruto do stress e que desapareceriam com os novos medicamentos. Júlia pareceu acreditar e, para celebrar aquelas notícias tranquilizadoras, Eduardo convidou-a para jantar. Já há muito tempo que não via a sua esposa tão alegre. No entanto, sabia que aqueles momentos de felicidade seriam os últimos.

Nos dias seguintes, sem que Júlia soubesse, Eduardo colocou todos os seus assuntos em ordem. Redigiu com o notário um testamento que garantiria que toda a sua fortuna passasse diretamente para Júlia, evitando que os filhos, com quem estava afastado desde o recente casamento, pudessem reclamar alguma coisa. Júlia era inteligente, mas nunca trabalhara, e ele não imaginava que conseguisse sustentar-se sozinha. Para lhe poupar preocupações, contratou até um seguro funerário que trataria de todos os detalhes do seu enterro.

Para Eduardo, o resto estava claro: não permitiria que a doença o reduzisse a um estado vegetativo, incapaz de tomar decisões. Sempre controlara o seu destino e queria controlar também o seu final. E, dadas as circunstâncias, só via uma saída.

Alguns dias depois, Eduardo convenceu Júlia a passar o fim de semana na casa de campo em Segóvia. Ele iria no domingo. Despediu-se dela com um último beijo, mais terno do que o habitual, mas sem levantar suspeitas. Depois de a ver partir, foi ao escritório e, usando o revólver que guardava há anos para proteger a família de possíveis ladrões, disparou contra a própria têmpora.

A empregada encontrou o corpo no dia seguinte, rodeado de uma poça de sangue. Ele deixara uma carta para Júlia, explicando a doença incurável que o levara a tomar aquela decisão. "Recuso-me a deixar que a doença decida por mim. Quero que te lembres do homem pleno que fui, não de um doente patético."

Júlia, devastada pela morte do marido, não se surpreendeu com o suicídio. Eduardo dissera-lhe várias vezes que nunca permitiria que uma doença decidisse o seu final. As exéquias realizaram-se na mais estrita intimidade, sem flores nem coroas, como ele desejara. Os filhos de Eduardo, sabendo que não herdariam nada, nem sequer compareceram.

Após a cerimónia, o doutor Belmonte ofereceu-se para levar Júlia a casa. Durante o trajeto, permaneceram em silêncio. Ao chegar à luxuosa mansão que Eduardo lhe deixara, Belmonte acompanhou-a ao interior.

Uma vez dentro, Júlia pousou a urna com as cinzas de Eduardo no chão, arrancou o véu negro que cobria o rosto e abraçou apaixonadamente o médico.

"Achei que isto nunca ia acabar," disse ela com um suspiro. "Achas que estamos seguros?"

Belmonte sorriu enquanto a beijava.

"É melhor sermos prudentes por mais alguns meses. Mas não houve autópsia, já que as causas da morte pareciam evidentes." Apontou para a urna com um sorriso sarcástico.

"Mesmo que abrissem uma investigação, como poderiam provar que Eduardo nunca teve um tumor cerebral?"

12 – Uma Relação Perigosa

"Sou amante do seu marido..." Cristina observou por um instante a jovem loira que, como apresentação, lhe acabava de lançar estas palavras, que recebeu como uma punhalada. Demorou alguns segundos a assimilar todo o seu significado.

Na noite anterior, o marido de Cristina, Rafael, professor universitário na Sorbonne, telefonara-lhe mais uma vez ao final da tarde para informar que chegaria tarde. Tinha de trabalhar na biblioteca para terminar, finalmente, a redação do próximo livro. Uma obra de referência sobre Choderlos de Laclos, o autor de **Ligações Perigosas**, que o editor lhe cobrava há meses. Mas pouco depois de desligar, Cristina recebeu outra chamada, muito mais inusitada. A jovem, que disse chamar-se Sandra, pediu-lhe para se encontrarem com urgência. E que não mencionasse nada ao marido. A voz era grave. Parecia algo importante. Cristina, sem mais explicações, aceitou o encontro numa casa de chá em frente ao Beaubourg.

Na manhã seguinte, Rafael partia para Roma por três dias, para consultar arquivos sobre os últimos dias de Laclos em Tarento e reunir-se com colegas. Cristina deixou-o ir sem lhe dizer nada sobre a misteriosa chamada.

É claro que, ao aproximar-se o vigésimo quinto aniversário de casamento, o casal que formava com Rafael já não tinha o fogo da juventude. Mas Cristina, apesar de um sombrio pressentimento, estava longe de suspeitar do que Sandra acabava de lhe revelar. É certo que poderiam ter havido alguns deslizes de Rafael durante a difícil transição dos quarenta. Mas ela nunca soubera. Ou talvez preferisse ignorá-los. E desde então, acreditava que ele estava definitivamente tranquilo. Desta vez, no entanto, as poucas palavras categóricas de Sandra não lhe deixavam alternativa.

Com o tempo, claro, o comportamento de Rafael nos últimos meses deveria tê-la alertado. Chegava cada vez mais tarde. Cada vez com mais frequência. E cada vez menos se esforçava em inventar desculpas originais. As longas noites na biblioteca do Centro Georges Pompidou, onde era impossível contactá-lo porque tinha de desligar o telemóvel, eram uma coartada confortável para encobrir um caso amoroso. Quanto ao suposto livro que Rafael dizia estar a escrever, podia prolongar a sua redação indefinidamente.

Mas então, porquê este encontro?

"O que quer?" perguntou Cristina com voz trémula.

Sandra não respondeu de imediato. Parecia hesitar. Talvez já se arrependesse da iniciativa. Mas era tarde demais para voltar atrás. "Estou grávida," soltou finalmente. E quase de imediato, como se isso o tornasse menos grave, acrescentou: "Rafael não sabe."

Recuperada da surpresa inicial, Cristina compreendia cada vez menos.

"E foi para me dar esta 'boa' notícia que quis encontrar-me?" tentou ironizar, embora não tivesse vontade de rir.

Sandra ergueu a cabeça e olhou-a nos olhos. Superada a primeira hesitação, parecia

decidida a enfrentar a situação.

"Quero ter o bebê, mas deixo-lhe o pai."

O pai... Esta palavra, associada a Rafael, soava dolorosamente aos ouvidos de Cristina. Eles nunca tinham conseguido ter filhos juntos. Sabia que era estéril. Mas nunca sentira que isso fosse uma frustração para Rafael. Pelo menos, não ao ponto de ele querer refazer a vida com outra. Hoje, já não sabia bem quem era o seu marido, o que pensava ou sentia realmente. Estaria ele a mentir-lhe há meses?

"Se ele souber que estou grávida, vai deixá-la. Foi o que me disse. Mas eu não quero isso." Sandra hesitou por um instante, depois continuou: "Estou disposta a afastar-me, mas preciso de dinheiro..."

O coração de Cristina apertou-se. Tinha dificuldade em respirar.

"Quer que lhe pague para recuperar o meu marido? Isto é chantagem?"

Sandra olhou-a com uma expressão envergonhada, e Cristina quase sentiu pena dela. A jovem não tinha realmente o perfil de uma chantagista. Que idade poderia ter? Vinte anos? Talvez nem isso...

"Ainda sou estudante," continuou Sandra. "Não tenho rendimentos. A minha família... prefiro não falar disso. Não quero destruir o casamento de vocês. Amo o Rafael, mas, ao contrário dele, não acho que isto possa funcionar a longo prazo. Por isso, é melhor acabarmos já, antes que ele saiba que estou grávida. Porque decidi ter este bebê. E, para isso, preciso de algo que me permita viver até ao nascimento. Depois arranjo trabalho. Com algum dinheiro, posso ir imediatamente para Lyon... em vez de o encontrar em Roma, como estava previsto."

Cristina sentiu-se de repente muito cansada. Queria pôr fim àquilo.

"Quanto?" perguntou.

"Dez mil," respondeu Sandra, antes de especificar: "Dez mil euros."

Uma Relação Perigosa (continuação)

Cristina sentiu as lágrimas subirem aos olhos, mas conteve-as por orgulho. Dez mil euros... Assim, esse era o valor estimado do seu casamento no guia de avaliação matrimonial, com vinte e cinco anos de história. Cristina sabia que precisava tomar uma decisão, e que essa decisão determinaria o resto da sua vida. Mas já não conseguia mais.

"Vejo-a aqui depois de amanhã," murmurou ao levantar-se. Antes de partir, sem estar realmente certa do que dizia, acrescentou num sussurro: "Dar-lhe-ei o dinheiro." Na rua, deixou escapar o seu pranto.

Os dois dias seguintes foram um verdadeiro calvário para ela. Quanto mais se aproximava da hora do encontro, menos sabia o que devia fazer. Claro que estava furiosa com Rafael por a ter traído. Provavelmente teria estrangulado o marido se ele estivesse presente. Mas Rafael estava em Roma, à espera da amante que não apareceria.

Após dar mil voltas ao problema durante toda a noite, tomou uma decisão e, na manhã seguinte, foi ao banco retirar os dez mil euros em dinheiro que estavam numa conta

destinada à substituição do seu velho carro. Ainda não sabia que atitude tomaria em relação a Rafael quando a amante o deixasse pelo preço de um carro de gama baixa, mas tinha certeza de uma coisa: se tivesse de se separar do marido, antes de pedir o divórcio, vingar-se-ia mostrando-lhe, com provas, o valor que a sua Lolita atribuía ao amor que lhe professava. Sem mencionar, claro, o filho que esperava, de quem ele nunca seria o pai.

Enquanto regressava do banco com o pequeno envelope contendo as cinquenta notas de duzentos euros, ouviu o telemóvel tocar. Seria Sandra? Teria mudado de ideias e telefonava de Roma para anunciar que, afinal, queria fazer a sua vida com o pai do seu filho?

A chamada vinha, de facto, de Roma. Mas era Rafael. Ligava do aeroporto para anunciar que regressava um dia antes do previsto. Isto não surpreendeu muito Cristina. Como a amante o deixara plantado, já não tinha motivos para ficar lá. No entanto, a ideia de o ver novamente naquele apartamento que partilharam durante tantos anos parecia-lhe insuportável.

Seguindo o instinto, propôs encontrarem-se na casa de chá onde marcara o encontro com Sandra. Fingindo um tom alegre, anunciou a Rafael que tinha uma surpresa para ele. Relutante, Rafael aceitou, diante da insistência dela. Mas não parecia estar no humor certo para apreciar surpresas...

Algumas horas depois, Cristina encontrou Sandra em frente ao Beaubourg. A jovem já a aguardava. Parecia nervosa. Desta vez, Cristina, resignada, sentia-se mais calma. Nessa noite, a sua vida ficaria em pedaços. Mas, por enquanto, tinha a sua vingança. Só precisava de reter Sandra até Rafael chegar, o que não demoraria.

"Tenho o dinheiro," disse. "Mas exijo garantias. Não quero que o meu marido me possa acusar de ter organizado esta transação sinistra. Que pense que fui eu a ter a ideia de lhe pagar para o deixar..."

Agora era Sandra quem estava na defensiva.

"O que quer?"

Cristina olhou-a diretamente nos olhos, saboreando o desamparo que lia no olhar dela.

"Uma carta. Uma carta escrita por si a explicar as razões e as circunstâncias da sua partida. Que o meu marido saiba exatamente com o que pode contar..."

Cristina empurrou para a jovem a folha em branco e a caneta que tinha preparado. Sandra pareceu hesitar. Depois, tomou uma decisão. Enquanto escrevia a contragosto algumas linhas, Cristina viu Rafael entrar no salão de chá, procurando-a com o olhar. Rafael, finalmente, viu a mesa onde estava a esposa, enquanto Sandra, de costas, assinava furiosamente a carta que acabava de redigir.

A sincronização era perfeita. Cristina pegou na folha e entregou a Sandra o envelope com os dez mil euros. A jovem agarrou-o, meteu-o na mala e levantou-se para sair, exatamente no momento em que Rafael se aproximava da mesa. Quando Sandra reconheceu Rafael, entrou em pânico. Lançou um olhar furioso a Cristina,

compreendendo que fora traída, e, sem dizer nada nem olhar para Rafael, correu em direção à porta.

Rafael lançou um olhar surpreso à jovem que acabava de empurrá-lo ao sair tão precipitadamente. Parecia de mau humor.

"Quem é aquela maluca?" perguntou a Cristina como saudação.

O rosto de Cristina gelou, incapaz de articular palavra. Além disso, visivelmente preocupado com problemas mais importantes, Rafael não parecia esperar uma resposta.

"Tive imensos problemas para encontrar um táxi... Tudo está a correr mal neste momento. Ao chegar a Roma, percebi que tinha perdido a minha agenda e o diretório. De certeza que os esqueci na biblioteca... Por isso regresssei antes."

Depois de se livrar da bagagem, tirar o casaco e instalar-se à mesa, Rafael finalmente ergueu os olhos para a esposa.

"E tu? Qual é essa boa notícia que querias anunciar-me? Compraste o carro novo e vens buscar-me nele, é isso?"

Como petrificada, Cristina não respondeu. Com o olhar perdido, fixou a porta do salão de chá, por onde acabara de desaparecer a desconhecida. Com os seus dez mil euros em dinheiro...

13 – O gordo

"Ou ela ou eu!" gritou Carolina para o marido. Já há algum tempo que a jovem não suportava mais a presença de Margarida, a mãe de Fábio, em sua casa. A idosa tinha-se mudado provisoriamente após a morte do marido, incapaz de subir sozinha os cinco andares sem elevador do velho prédio onde tinha vivido por mais de trinta anos. O que começou como uma solução temporária acabou por se tornar permanente. Margarida esforçava-se por não ser um peso. No entanto, Carolina, frustrada, lançou um ultimato: "Ou a colocas num lar, ou eu vou-me embora."

Fábio compreendia a irritação da mulher. Os filhos já tinham saído de casa, e Carolina queria aproveitar a vida, sair e viajar. Mas, desde que Margarida chegou, a rotina do casal ficou suspensa. Sem recursos para contratar ajuda, os dois revezavam-se para cuidar dela. Adeus férias e saídas espontâneas.

Nessa mesma noite, Fábio conversou com a mãe. Margarida aceitou resignada, embora o seu coração estivesse apertado. "Não te preocupes, filho. Eu entendo. Não posso continuar a ser um fardo." Antes de se deitar, Margarida pediu a Fábio que não se esquecesse de validar o bilhete da lotaria. "Ainda jogas com o número da tua Segurança Social?" perguntou ele com um sorriso. "Sempre. Esse número, um dia, vai fazer-me ganhar o prémio gordo," respondeu ela.

No dia seguinte, Carolina encontrou Margarida sem vida na poltrona. O médico determinou que tinha sido um enfarte. Fábio não conseguiu evitar a culpa, pensando que a conversa sobre o lar poderia ter precipitado a morte dela.

No dia do funeral, Fábio sentiu um nó no estômago ao despedir-se da mãe, vestida com a mesma roupa que usava na última vez que a viu viva.

Poucos dias depois, Carolina folheava o jornal local quando um título chamou a atenção. "O bilhete vencedor do supergordo foi validado numa pequena aldeia nas Astúrias. O felizardo ainda não se apresentou..." leu. "Olha, Fábio! Foi aqui! Será que foi a tua mãe?" exclamou emocionada. "A Margarida?" respondeu ele, incrédulo. "Ela tem uma boa razão para não aparecer..." comentou Carolina.

Fábio subiu para procurar um papel com o número da Segurança Social da mãe. Ao compará-lo com a combinação vencedora, ele ficou paralisado. "Era ela! Ganhou o gordo!" gritou, descendo as escadas a correr.

Fábio tinha a certeza de que Margarida tinha o bilhete consigo quando sofreu o enfarte. O problema era que eles não o encontravam. Procuraram em todos os cantos da casa, mas sem sucesso.

"Pensa, Fábio! O que fez a tua mãe com o bilhete quando lho deste?" perguntou Carolina. Fábio lembrou-se: "Ela colocou no bolso do vestido..." "Qual vestido?" "O azul... o último que ainda estava em condições."

De repente, ambos perceberam. Carolina olhou-o horrorizada. "O vestido com o qual a enterrámos..." O bilhete premiado, e o sonho do gordo, tinham ido com Margarida para a campa.

14 – Ordem de despejo

Simão estava de coração partido. Amanhã seria despejado do seu encantador chalé com jardim, o lugar onde sonhava passar o resto dos seus dias. A câmara municipal decidira libertar o terreno para construir... um aterro sanitário. Havia uma alternativa mais ecológica: uma central de cogeração do outro lado da vila, capaz de transformar resíduos em eletricidade e aquecimento urbano. Mas o investimento inicial era mais elevado, e o presidente da câmara não estava disposto a assumir esse custo.

Simão tinha esgotado todos os recursos possíveis para evitar o despejo. Contudo, o que podia fazer um idoso sozinho contra uma administração implacável que impunha as suas próprias regras? Da sua janela, observava Lola a fazer o seu passeio diário pelo jardim. Era também idosa, frágil e cheia de rugas. Quantos anos teria? Noventa? Noventa e cinco? Talvez até um século.

Lola vivia naquela casa há tanto tempo quanto Simão se lembrava. Quando herdou o chalé, há vinte anos, ela já vivia lá. Os seus pais tinham-lhe feito prometer que nunca a expulsaria. No início, a ideia de partilhar o lar com ela não o entusiasmava, mas com o tempo, habituou-se à sua companhia discreta. Vinte anos juntos forjaram um vínculo profundo. Agora, Lola também seria despejada, arrancada do único refúgio seguro que conhecia. Simão sabia que ela não sobreviveria à mudança. Não àquela idade.

Procurando desesperadamente uma solução, Simão juntou-se a Lola no jardim. Se conseguisse atrasar o despejo apenas alguns dias, chegaria a época de inverno, quando a lei proíbe despejos até à primavera. Até lá, esperava que o projeto do aterro fosse descartado, já que as eleições municipais se aproximavam e os ecologistas começavam a mobilizar-se contra o plano.

Enquanto Lola o olhava com olhos suplicantes, uma ideia absurda atravessou a mente de Simão. Não podia ser... ou talvez pudesse? Sem explicar nada, correu para o escritório, ligou o velho computador e começou a procurar informações na internet. Pacientemente, reviu páginas e documentos durante toda a noite.

Na manhã seguinte, os primeiros raios de sol despertaram Simão, que tinha adormecido sobre o teclado. Lola ainda dormia, mas o som da campainha do jardim acordou-a. Simão olhou pela janela e viu dois polícias acompanhados de três carrinhas. Vinham preparados para o despejo, com espaço até para levar os móveis.

Com passo firme e tranquilo, Simão saiu para os receber, seguido de perto por Lola, que caminhava com dignidade.

"Senhores agentes," disse Simão, com voz serena mas firme, "a administração não pode violar as leis que ela própria estabelece. A minha companheira Lola está protegida por regulamentos muito rigorosos. Segundo a legislação em vigor, não se pode expulsar alguém como ela sem uma autorização especial por escrito."

Simão estendeu um documento acabado de imprimir da internet. Os polícias, surpreendidos, examinaram-no enquanto olhavam de soslaio para Lola, que os observava altivamente.

"É estranho, eu sei, mas é a realidade," acrescentou Simão, confiante na vitória. "Neste

país, é mais fácil despejar um idoso da sua casa... do que uma tartaruga de uma espécie protegida."

Os policiais, visivelmente desconcertados, não tiveram outra escolha senão retirar-se, deixando Simão e Lola desfrutarem do jardim, pelo menos durante mais um inverno.

15 – Sequestro

Ao abrir a porta de casa, após um dia de trabalho duro, Laurência surpreendeu-se por não ver Léa, a sua filha, correr para recebê-la, como era costume. Talvez se tivesse distraído no caminho da escola... Foi ao regressar à entrada que viu o papel deslizado por baixo da porta. Pegou-o e leu-o febrilmente:

"Se quiser voltar a ver a sua filha com vida, compareça esta noite à Casa dos Oliveiras com o seu marido e 300.000 euros. Aconselho-a a não chamar a polícia."

Laurência sentiu o sangue gelar-lhe nas veias.

Ao chegar à casa localizada nos arredores de Toledo, Laurência ficou impressionada, primeiro, pelo estado de abandono do jardim. Depois, notou a placa de "Vende-se", que simbolizava o fracasso do seu casamento com Manuel. Soube, ao ver a luz no vestíbulo, que o marido já estava lá. Não o via desde aquela noite em que descobriu que ele a traía com a sua assistente. Horas antes, fizera um esforço para marcar o número do consultório de oftalmologia. Agora, além da angústia que a consumia desde o desaparecimento da filha, sentia uma imensa apreensão perante o reencontro com o homem que tinha amado.

Ao entrar na sala, viu Manuel de costas, ao telefone. Desligou assim que ela entrou e virou-se para ela. Não tinha mudado muito, mas parecia cansado. "Será que a amante o exaustava tanto assim?" pensou Laurência.

"Tens o dinheiro?" perguntou ela, quebrando o silêncio.

"Sim, não te preocupes."

Não te preocupes. Fácil de dizer. Tinham raptado a filha, e era só isso que ele conseguia dizer? Laurência esforçou-se por recuperar a calma.

"O sequestrador descobriu que acabámos de vender a casa e aproveitou para exigir o resgate", disse ela.

Manuel, desconfortável, ficou em silêncio. Ela continuou a refletir.

"Mas por que motivo marcou o encontro aqui? A casa está vendida; não devias ter as chaves..."

Uma dúvida começou a surgir na mente de Laurência.

"Como entraste?"

Manuel saiu da sua reserva.

"Fiquei com uma cópia! De que mais me vais acusar agora?"

Ela suspirou.

"Há tantas coisas que nunca pensei que fosses capaz de fazer..."

A discussão foi interrompida pelo toque do telefone. Manuel atendeu, ouviu durante alguns momentos em silêncio e depois desligou.

“Era o sequestrador”, declarou. “Quer garantir que a polícia não está por perto antes de se manifestar. Vai ligar outra vez.”

Laurência sentiu o ar faltar-lhe.

“Não me digas que vamos passar a noite aqui.”

E foi exatamente o que aconteceu. A espera era insuportável. Felizmente, não tinham avisado a polícia, já que o sequestrador parecia estar atento. Segundo Manuel, a voz ao telefone estava distorcida, como se falasse através de um lenço. Era impossível saber se era um homem ou uma mulher.

“Enviei-te os papéis do divórcio”, atirou Manuel.

“Eu sei”, respondeu ela laconicamente.

“Já assinaste?” continuou ele, num tom despreocupado.

“Ainda não”, disse ela com um nó na garganta.

“Tens tanta pressa para casar com a tua assistente?”

Ele olhou para ela com uma expressão estranha.

“Já não vejo a Carla... E tu? De certeza que encontraste alguém que te faça companhia...”

Laurência sentiu uma satisfação ao perceber o ciúme de Manuel e decidiu não desmenti-lo.

“A sério acreditas que és insubstituível?”

Depois de trocar as *amabilidades* que um casal em processo de divórcio pode partilhar, acabaram por ficar em silêncio. Laurência, exausta pelas emoções, adormeceu na poltrona.

Horas depois, um som estridente acordou-a de um pesadelo horrível. No sonho, o sequestrador tinha o rosto de Carla e tentava roubar-lhe a filha. Ao voltar à realidade, percebeu que era o telefone a tocar. Manuel acabara de desligar.

“Era ele,” anunciou com voz grave. “Quer que deixemos o dinheiro no poço, no fundo do jardim.”

Laurência levantou-se num salto.

“Façamos o que ele pede. Que leve o dinheiro para o inferno, mas devolva a nossa filha.”

Manuel assentiu em silêncio e tirou uma mala debaixo do sofá, que Laurência não tinha visto.

“Vou sozinho. É mais prudente,” disse com uma tranquilidade estranha.

Laurência sentiu novamente que algo não estava certo. Aproximou-se de Manuel, tirou-lhe a mala e abriu-a. Estava vazia!

“Então era isso!” gritou ela, fora de si. “Raptaste a tua própria filha para ficares com

metade do dinheiro da venda da casa!”

Manuel baixou a cabeça, visivelmente derrotado, e tirou um revólver do bolso.

“Não, Laurência. A verdade é que cancelei a venda da Casa dos Oliveiras no último momento. Não consegui resignar-me a entregá-la a um desconhecido. Ainda esperava que não assinasses os papéis do divórcio...”

Depois de confessarem os seus erros e mágoas, decidiram enfrentar o sequestrador juntos. Pouco antes do amanhecer, ao chegarem ao poço, distinguiram uma figura na neblina. Era Léa, que confessou:

“Esta era a única maneira que encontrei para vos unir de novo.”

16 – O Mistério do Quarto Vermelho

Durante a minha carreira, já tinha visto de tudo. Mas este caso, aparentemente banal, obcecava-me. Estava diante de um quebra-cabeças ao qual faltava apenas uma peça para completar o retrato do culpado.

Tudo começou quando fui chamado para investigar o roubo de umas joias num hotel de luxo na Île Saint-Louis, em Paris. Durante o dia, alguém tinha entrado no quarto de uma cliente rica e levado um colar de pérolas avaliado em dezenas de milhares de euros. Estava claro que o ladrão era alguém do pessoal do hotel ou um hóspede. Parecia pouco provável que um estranho conseguisse entrar no hotel sem ser notado. Além disso, a fechadura do quarto não tinha sido forçada.

Comecei por interrogar o rececionista, uma testemunha-chave e, de certa forma, o principal suspeito, já que era o guardião de todas as chaves dos quartos. Poderia facilmente ter entrado num deles para roubar. Estava também numa posição privilegiada para conhecer os movimentos dos clientes e agir sem medo de ser interrompido. O homem deu-me a sua versão dos factos:

"Quando um cliente sai do hotel, deixa a chave na receção," explicou. "Eu coloco-a imediatamente no painel."

Observei com curiosidade o painel colorido atrás dele. Antecipando a minha pergunta, o rececionista ofereceu-me uma explicação:

"Cada quarto do hotel tem o nome de uma cor: o quarto azul, o amarelo, o rosa..." A chave de cada quarto tem um porta-chaves da cor correspondente, e cada uma é pendurada no seu lugar neste painel multicolorido. O roubo aconteceu no quarto vermelho.

"Acha que algum cliente pode ter tirado a chave sem que o senhor notasse e depois devolvido ao lugar após cometer o roubo?" perguntei. O rececionista hesitou antes de responder:

"Para tranquilidade dos nossos hóspedes, gostaria de dizer que não. Mas, sendo honesto, não posso excluir essa possibilidade. Às vezes, tenho de me ausentar uns minutos para resolver algum problema..."

Parecia que ele não tinha dito tudo. Incentivei-o a continuar.

"E na tarde do roubo? Notou algo em particular?" Vacilou novamente antes de responder:

"Por volta das quatro da tarde, saí um minuto para fumar um cigarro. Depois, novamente às cinco, para ir à casa de banho. Na primeira vez, não notei nada. Mas na segunda, ao regressar, vi que a chave do quarto vermelho estava pendurada no lugar da do quarto rosa. Não dei importância na altura, embora nunca cometa esse tipo de erros. Simplesmente voltei a colocá-la no lugar certo. Mas depois do ocorrido... sim, é possível que alguém tenha tirado a chave do quarto vermelho nesse intervalo."

O roubo tinha ocorrido a meio da tarde, o que descartava as empregadas de limpeza, que só tinham acesso aos quartos até às duas da tarde. Assim, comecei a interrogar os hóspedes do hotel, começando pela ocupante do quarto vermelho, uma rica viúva.

Ela contou-me a sua experiência em detalhe. Disse que tinha saído do hotel por volta das duas e meia da tarde para visitar uma amiga em Neuilly. Estava segura de que o colar ainda estava na gaveta, pois tinha hesitado em usá-lo para sair. Apontei que tinha sido imprudente não guardar uma joia tão valiosa no cofre do hotel. Ela admitiu o descuido, embora a sua fortuna lhe permitisse não dramatizar a perda.

Com cada hóspede que interrogava, o mistério parecia tornar-se mais denso. Mas, quando chegou a vez de um homem elegantemente vestido, sentado à minha frente num confortável sofá do lounge, algo chamou a minha atenção. Bastaram-me algumas perguntas para confirmar as minhas suspeitas e decidir levá-lo ao comissário para um interrogatório mais profundo.

Graças a uma investigação mais minuciosa sobre a sua identidade e a uma detenção de 24 horas, consegui a sua confissão sem grande resistência.

"Como soube que era eu?" perguntou o ladrão, surpreso.

Magnânimo, decidi satisfazer a sua curiosidade.

"O ladrão devolveu a chave do quarto vermelho ao lugar da chave do quarto rosa no painel da receção. Talvez o tenha feito com pressa... mas também porque era daltónico."

O homem arregalou os olhos, incrédulo.

"Mas como soube que eu era daltónico?"

Não consegui evitar sorrir:

"Quando se sentou à minha frente no lounge do hotel e vi as suas meias... Não eram da mesma cor!"

17 – O Segredo do Vaso

João e Pepe viviam, desde sempre, em dois apartamentos com varandas contíguas, situados no sexto e último andar de um prédio bem cuidado num bairro operário no norte de Barcelona. Apesar de ambos terem trabalhado toda a vida na mesma fiação, nunca chegaram a ser amigos. E as suas relações não eram muito mais calorosas desde que João se reformou, há alguns anos.

Para combater o tédio, João passava várias horas por dia na sua varanda, cuidando do roseiral que os seus colegas lhe tinham oferecido na festa de despedida na fiação. Regava-o, podava-o, colocava fertilizante e inseticida, e borrifava água para refrescá-lo nos dias de maior calor... E quando o roseiral, decididamente, já não precisava de mais nada, João até chegava a falar com ele.

Infelizmente, o resultado de tanta dedicação não correspondia às legítimas expectativas deste tranquilo reformado. O roseiral continuava pequeno e fraco. No verão, produzia apenas uma ou duas rosas acinzentadas, que murchavam rapidamente. João até temeu, no inverno anterior, que a planta não sobrevivesse. Já não sabia o que fazer para devolver o vigor ao seu deprimido roseiral, e esta preocupação, no vazio da sua ociosa existência, assumia proporções desmesuradas. Tanto que a mulher de João, sem compreender a origem do mal-estar do marido, temia pela sua saúde.

Foi nesse contexto sombrio que, numa manhã, João teve a surpresa de ver, na varanda ao lado, um roseiral em vaso muito semelhante ao seu. Rapidamente, compreendeu o significado desse acontecimento inesperado. Evidentemente, os colegas da fiação, sem grande imaginação, tinham oferecido a Pepe o mesmo presente de reforma. Contudo, João recebeu a chegada daquele roseiral concorrente como uma espécie de provocação. Redobrou, então, os cuidados com a sua própria planta. Não permitiria, de forma alguma, que aquele recém-chegado ultrapassasse o seu em tamanho e vigor!

Ao perceber que Pepe, ao contrário de si, negligenciava a planta, João sentiu-se mais tranquilo. Ainda assim, continuou a observar discretamente o que se passava na varanda do vizinho. Todas as noites, pouco antes do jantar, Pepe saía para a varanda durante alguns minutos. Vertia três gotas de um misterioso líquido num copo de água, que depois despejava no vaso do roseiral. De seguida, voltava para dentro do apartamento e só reaparecia no dia seguinte à mesma hora.

Este comportamento intrigava profundamente João. Mais ainda quando, em pouco tempo, o roseiral de Pepe, em vez de definhar como seria de esperar devido à falta de cuidados, começou a florescer rapidamente. Algumas semanas depois, já superava o de João em tamanho e beleza. No verão seguinte, atingiu uma magnificência esplendorosa. João estava consumido de inveja. Redobrou os esforços, consultou livros de jardinagem, experimentou os fertilizantes mais eficazes. Tudo em vão. O seu roseiral mal prosperava, enquanto o do vizinho explodia literalmente numa profusão de rosas de uma magnificência quase inquietante.

João já não sabia o que fazer para recuperar terreno, quando, numa noite, notou que Pepe, antes de entrar para jantar, tinha deixado o misterioso frasco junto ao roseiral. Consumido pela curiosidade, João preparava-se para escalar, arriscando a vida, a grade que separava as duas varandas. Precisava desesperadamente saber o nome daquele

elixir mágico! Mas foi interrompido pela mulher de Pepe, que tinha acabado de sair para a varanda. Ela pegou no frasco e, intrigada, observou a marca de humidade deixada na terra do vaso. Visivelmente contrariada, voltou para dentro do apartamento, levando, claro, o frasco consigo.

No dia seguinte, ao meio-dia, enquanto regressava de uma loja especializada onde procurara mais uma vez um fertilizante milagroso, João viu um aviso de óbito na entrada do prédio. A sua mulher informou-o de que Pepe tinha morrido ao cair da varanda. Acidente ou suicídio? A mulher de João insinuava que seria a segunda hipótese. Era previsível, comentou. Desde a reforma, Pepe estava deprimido. O médico tinha-lhe receitado um psicotónico que devia tomar todos os dias antes do jantar. Mas, na noite anterior, a mulher de Pepe descobriu que, em vez de tomar as gotas, o marido as despejava no vaso da planta...

À noite, melancólico, João constatou que o roseiral do vizinho tinha desaparecido. Pouco consolo. O seu continuava tão mirrado como sempre. Na verdade, o roseiral de Pepe não demorou a reaparecer. Foi ao assistir ao funeral de Pepe, uns dias depois, que João o viu, em todo o seu esplendor, a coroar a campa do falecido. O roseiral parecia zombar dele...

No dia seguinte ao funeral, a mulher de João notou que o marido não parecia bem. Preocupada com a sua saúde, ouviu-o anunciar que iria marcar uma consulta no médico.

Alguns dias depois, após uma consulta com o mesmo médico que tratara o seu vizinho, João saía da farmácia do bairro com um estranho sorriso nos lábios. Na mão, segurava o precioso frasco...

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Janeiro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-309-5

Documento para download gratuito